

O segredo da Ilha do Pontal¹

Malthus de Queiroz²

O e-mail não era muito claro, embora fosse bem específico: perguntava por um livro raro, de circulação restrita, cujo título não era totalmente conhecido, doado há muito a esta biblioteca por uma pesquisadora aposentada do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano chamada Dilza. Dizia o e-mail que o livro era um estudo sobre a Ilha do Pontal, situada na costa do Nordeste do Brasil, desconhecida até meados do século XIX, habitada por povos originários de ascendência perdida, de antes mesmo dos tupinambás e caetés. A mensagem vinha acompanhada de um anexo, uma edição digitalizada do *Diário da Tarde* de um longínquo agosto de 1896. Tratava-se de um recorte — ou melhor, de um rasgão — contendo um pequeno anúncio que oferecia comprar “uma obra rara sobre uma ilha recém-descoberta” por cinco contos de réis, deixando um endereço no bairro da Boa Vista para os interessados levarem-na e receberem em mãos a quantia. O anúncio estava rasgado justamente no nome da obra e do autor. O e-mail se justificava por considerar que havia grande possibilidade de a obra ainda fazer parte do acervo da biblioteca e que ele poderia estar na seção das obras raras, entre as possíveis classificações fantasia; mitologia; linguística; literatura fantástica; lendas; povos originários. Por não haver achado no catálogo online da biblioteca obra com descrição semelhante a esta, solicitava ajuda para encontrá-la.

¹ Enquanto preparava o relato destes acontecimentos, notei, para minha imensa surpresa, que eles tinham um quê de ficção e aventura, o que me deixou particularmente feliz, por motivos que explanarei melhor no texto. Mas pensei também que isso o colocava na trincheira entre o real e o fantasioso, num lugar entre a possibilidade e a probabilidade. Assim, aconselho ao leitor reconsiderar o que teóricos da literatura chamam de pacto ficcional entre si e o texto, aproximando ambos os conceitos (real e fantasia) para melhores ponderações pós-leitura. Sobre o pacto ficcional, ler Holanda — *Pacto biográfico e pacto ficcional*, estante TLIT03_M22.

² Doutor em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. E-mail: malthus.queiroz@gmail.com

O remetente se identificava como Uaná Silva, pesquisadora do Departamento de Ciência da Informação da UFPE. Agradecia antecipadamente a atenção e aguardava minha resposta.

Mostrei o e-mail para Regina, minha companheira de turno. Após uma rápida confabulação em que concordamos ser um desaforo tal mensagem — e em que maldissemos a percepção geral das pessoas em conceber aos bibliotecários o status de adivinhadores de locais de livros sem nome —, ponderamos que tínhamos por obrigação profissional averiguar. Primeiro confirmei a identidade do remetente; havia uma pesquisadora no departamento de CI da UFPE com o nome de Uaná Silva, e sua linha de pesquisa lidava com fontes primárias de informação. A Ilha do Pontal, de que eu nunca havia ouvido falar, era uma ilha que ficava a poucas milhas mar adentro a leste de Fernando de Noronha e que foi descoberta pelo navio pesqueiro Potiguar, em 1857 — batia com a descrição da mensagem. Confirmados esses pontos, imprimi o e-mail e me dirigi à seção das obras raras, que fica nos fundos da biblioteca, onde estaria o tal livro. Para chegar lá, era preciso seguir por um corredor localizado na lateral da sala principal, onde se atendia ao público geral. Só pessoas autorizadas podem entrar na seção de livros raros, devidamente equipadas: máscaras e luvas, para evitar a deterioração dos papéis. Procurei durante todo o dia tal obra, mas não encontrei nenhuma pista de sua existência. Pelas quatro horas da tarde, eu já dava por concluída a busca, não encontraria nada, tinha certeza. Mas, por descargo, ainda examinava os últimos arquivos.

Encontrei numa caixa de madeira escura, que mais parecia um baú antigo, um livro velho, de páginas quase totalmente amareladas, com uma curiosa lista: a de autores publicados no Brasil no ano de 1891. Não eram muitos nomes; àquela época, era bem mais difícil publicar um livro no Brasil. Ao lado de cada obra, constava um pequeno resumo, o suficiente para atizar minha curiosidade de leitora genérica de coisas aleatórias. Um dos meus passatempos prediletos é ler essas aleatoriedades, artigos de revistas de curiosidades, sites de assuntos diversos, livros de fotografia, blogues com listas de “os dez maiores mistérios do mundo” e coisas do tipo. Quer dizer, não é bem um passatempo; eu sofro de ansiedade por saber, uma condição —

curiosa, aliás — que me faz ter uma quase incontrolável compulsão de conhecer, de obter informações. Minha terapeuta me explicou que essa condição é ainda recente, provavelmente um transtorno gerado pelo imenso consumo de informação a que somos submetidos nos dias de hoje e que a OMS, que denominou tal condição, ainda não sabe muito sobre ela. O fato é que saber o que se publicava em 1891 se afigurou a mim um convite ao deleite. Além do mais, havia a possibilidade de que a propaganda no jornal anexado ao e-mail, que datava de 1896, quisesse comprar uma obra publicada em 1891. Por que não?

Fiz uma leitura de superfície identificando alguns termos de interesse³, que pudessem constituir uma pista, embora não soubesse bem o que procurava. Parava aqui e ali e mergulhava em termos que julgava parte do campo semântico da obra misteriosa: ilha, barco, índio⁴, descoberta, pesquisa, desbravar, mistério, desconhecido, e por aí vai. Deparei-me com resumos inusitados de livros: árvores genealógicas de famílias nordestinas; um que elencava os nomes e tipos de embarcações tradicionais da região Nordeste; uma lista com nomes de pessoas e seus significados; o diário ficcional de um ex-escravizado que fugira para as matas no século XVIII; um compêndio dos tipos de moradia ao longo da margem do Capibaribe; um tratado sobre a exploração do homem pelo homem no romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis. A variedade de assuntos era imensa, atiçava a minha já excitada curiosidade, a despeito do cansaço, e tornava ainda mais desafiadora a busca por uma pista do livro desconhecido — uma tarefa verdadeiramente desafiadora para quem sempre costuma desvendar mistérios aleatórios a partir de uma mísera informação de internet (se houvesse um campeonato disso, eu seria campeã). A leitura dos resumos entreteve minha curiosidade por mais uma ou duas horas, mas já me enfadava no fim da tarde. Não conseguiria ler todos os resumos naquele dia, nem acreditava mesmo que conseguiria achar alguma coisa. Resolvi parar por ali, já eram horas de acabar o

³ Trato, aqui, da leitura de superfície como um momento anterior à “lecture en piqué”, proposta por Barthes, no qual o leitor foca aleatória ou propositalmente num ponto qualquer do texto para mergulhar nele.

⁴ Refiro-me aqui obviamente a um termo histórico, adotado nos livros da época; isso ocorrerá sempre que buscar um termo em algum material antigo. O termo “povos originários” vem suprir uma necessidade de nossos tempos em reconsiderar o pensar no outro, de modo a aplacar conceitos que produzam estereótipos danosos às minorias. Mais informações sobre o assunto na estante SOC.Dicionário_01.

expediente; talvez no outro dia eu continuasse a procura do tal livro — ou deixaria de lado, afinal a curiosidade que me move aos mistérios aleatórios é a mesma que me faz me ocupar de outros mistérios, fazendo-me esquecer dos primeiros — sim, é parte da minha condição. Mas, fato, nesse momento eu estava muito curiosa pra saber que obra era aquela, que já valera uns bons contos de réis. Embalei o livro de resumos numa pasta adequada e levei-o pra casa, na intenção de pesquisar mais um pouco. Minha terapeuta certamente desaprovava isso, já que ela insiste em dizer que meu grau intenso de alegria em explorar pode às vezes me levar à obsessão por descobrir coisas sem as quais eu poderia viver plenamente. Eu concordo. Inclusive acho que ela também pode viver sem essa informação; não contarei nada a ela.

Parei no café da esquina de casa para jantar. Seu Pedro me recebeu com a alegria de sempre. Pus a pasta com o livro de resumos na mesa e fiquei vagando no celular, trocando mensagens e likes aleatoriamente. Uma postagem me pareceu particularmente interessante para a ocasião: uma editora convidava autores de ficção de fantasia para um evento na área. “Ficção de fantasia”, repeti na mente, e o pensamento percorreu de memória as estantes da biblioteca até chegar à seção dos livros de literatura fantástica. Estavam lá todos os clássicos, formadores modernos do gênero: Carroll, Baum, Tolkien, Martin, Poe, Maupassant, Verne... Verne não é bem literatura de fantasia, segundo me falou certa vez uma estudiosa do assunto. “Verne é ficção científica; não é fantasia, é especulação da realidade.” “Mas especulação é imaginação também, não?”, ponderei. Ela dissertou sobre a diferença do termo *fantasia* para o gênero *fantasia*, um engano que decorria devido a uma tradução direta do termo inglês *fantasy* para as obras imaginativas de aventura que envolvem magia, reis, fadas, seres míticos num mundo irreal.⁵ Ela me convenceu da diferença, mas deixei Verne na estante de literatura fantástica mesmo.

⁵ Num dos artigos que essa estudiosa me indicou, consta uma passagem de Herbert Read, de seu livro *The meanings of art*, no qual ele distingue o processo mental de fabulação (*fancy*) do produto literário (*fantasy*), enfatizando a diferença entre esses dois processos. Por que me lembrei disso na mesa do café parece ter a ver mais com o primeiro conceito.

Depois de uma sopa quentinha com torradas, pensei, no caminho pra casa, ainda na conversa sobre Verne, fantasia, imaginação. Sempre gostei de ler romances, devorei a biblioteca inteira da casa de meus pais. Desde cedo, interessei-me por Clarice — que, se não tem muito de ficção de fantasia, tem muita magia com as palavras. E tem a coisa da epifania, que sempre achei fosse uma revelação súbita de um metamundo particular. Nunca tentei escrever, não me considero capaz. Aprecio os que se aventuram, admiro os que conseguem criar histórias fascinantes. Também as crio, mas ficam guardadas na minha mente. E na maioria das vezes são “especulações da realidade”, fruto de minha “alegria em explorar”. Em contrapartida, se meus talentos naturais não se inclinam à escritura de ficção, me dão o incrível poder de síntese necessário para organizar obras, resumos, ficheiros, referências, textos críticos, enfim toda a paratextualidade que uma obra exige para ser encontrada. Nós bibliotecários, diferentemente dos ficcionistas, trabalhamos com classificação e organização da informação. O que seria das grandes obras se não houvesse quem lhes facilitasse o acesso?

Divaguei por esses pensamentos até chegar em casa. Troquei-me e fui para o quarto, cavar alguma coisa no livro de resumos. Após um tempo procurando, deparei-me com algo que me chamou a atenção: o resumo do que parecia ser um livro sobre mitos e lendas de uma civilização antiga e pouco conhecida, que teria habitado uma ilha mística do Atlântico. O título da obra: *O reino dos M...*

Novamente, a folha estava manchada exatamente em cima do nome da obra e do autor⁶. Com cuidado, coloquei a página aberta contra a luz do abajur, para tentar enxergar na transparência. Nada feito. Serviu apenas para fazer ebulir ainda mais a minha vontade de saber mais sobre este mistério, com o qual eu, de maneira quase inacreditável — mas bem possível tratando-se de mim —, já estava envolvido.

Anotei o nome do livro — ou a parte legível dele — e fui para a frente do computador. Vaguei por horas em sites dos mais diversificados temas, mas

⁶ Lembro que nesse momento senti uma sensação estranha de subverter o conceito da verossimilhança (sim, na faculdade eu paguei umas cadeiras de teoria literária!), tão cara aos leitores: pensei em como a realidade pode ser tão inverossímil quanto um fato inventado. E que, se eu tivesse realmente inventando tais fatos, como eles poderiam ser perfeitamente possíveis. Mas fato é que a coincidência de os nomes dos respectivos livros estarem rasgados e manchados só alimenta ainda mais minha pouca criativa imaginação sobre o tal livro. Gostaria de ser ficcionista nessas horas para mimetizar um mundo fantástico de livros misteriosos que levam a grandes descobertas.

nenhuma informação que se vinculasse seriamente ao livro antigo. Henry, meu paquerinha quase namorado, achou bem engraçada a maneira como eu me metia nas confusões. “Só tu mesmo”, ele disse na mensagem. Era quase meia-noite quando eu me despedi de todos, coloquei o celular para carregar e fui deitar.

As tarefas diárias na biblioteca ocuparam os dias seguintes, fazendo com que eu me esquecesse do assunto. Uaná não mandou outro e-mail, e talvez minha terapeuta tivesse razão: minha alegria de explorar tinha o mesmo potencial de virar obsessão ou arquivo morto, e toda aquela força especulativa sobre uma ilha perdida nos confins do oceano tinha arrefecido. Minhas férias se aproximavam, e outra preocupação, esta bem mais trivial, ocupava minha cabeça: que destino eu tomaria nesse período. Comecei a ver passagens e a pensar para onde iria, e um post patrocinado no Instagram me mostrou fotos belíssimas de Fernando de Noronha. Foi o suficiente para me fazer lembrar da Ilha do Pontal, o que por sua vez me fez lembrar do livro, e uma faísca se acendeu em meus olhos. Pode parecer bobagem, mas um mistério não resolvido é como... Não, não é como nada. A história desse livro tinha sido apenas uma viagem minha, uma das muitas que tenho na incontornável mania de alegrar-me com explorações. Certamente tinha sido mais uma aventura especulativa, daquelas em que os gases de uma nebulosa se aproximam e se contraem para formular a massa de uma estrela; Uaná não sabia, nem tinha como saber, que naquele e-mail impreciso ela potencializou a força gravitacional das ideias difusas, iniciando o processo de fusão nuclear de informações desconstruídas para dar início a outro processo, o de formação de uma fantasia. Entretanto, alguma molécula dispersa pôs em risco esse cálculo sistêmico para devanear sobre as possibilidades de a matéria fabular outras formas, e a estrela ficou como um corpo latente a vagar por algum universo alternativo. Deve ser assim que os grandes autores escrevem suas obras: imagino Poe andando bêbado pelos becos escuros de Baltimore, ou da Filadélfia, ou de Nova York, observando as sombras projetadas pelos lampiões a gás nas paredes, perguntando-lhes que crimes testemunharam, e elas lhe narrando as possibilidades mais absurdas que poderiam ocorrer neste mundo; imagino Maupassant de frente a um antigo sobrado abandonado num

arrabalde parisiense, de janelas caídas, as árvores desnudadas pelo outono, projetando os fantasmas que recriaria depois nos contos. Pois bem: eu imaginei um livro, antigo, de título e autoria indefinidos, valioso, revelando um mistério escondido numa ilha remota há anos, talvez séculos, que em outros tempos despertou a volúpia de algum rico comerciante da Boa Vista, ou algum aristocrata, a ponto de fazer-lhe oferecer tantos contos de réis para obtê-lo. Um dia escreverei sobre isso, mas agora eu pretendo apenas definir o meu destino das férias.

Fiz a melhor escolha que poderia ter feito: Noronha foi a viagem dos meus sonhos. Uma ilha paradisíaca, longe da muvuca da cidade, de seu trânsito infernal, de suas calçadas mal cuidadas, da violência escondida nas esquinas. As praias são belíssimas, com suas falésias imponentes, águas cristalinas e cheias de vida marinha. Henry adorou. Oficializamos nossas intenções de relacionamento sério num lindo pôr do sol na Baía dos Golfinhos, ele meu deu um anel chiquérrimo com uma safira azul e disse que escolheu esse por ele lembrar o olho de Leo, meu gato siamês que morreu velhinho no começo do ano. E também porque a safira ajuda na meditação, a acalmar a mente e na concentração. “É bom pra clareza mental” ele disse, mas suspeito que não tenha funcionado.

No nosso segundo dia em Noronha, fizemos o tão badalado passeio de catamarã, arrodamos a ilha, acompanhados dos golfinhos; mergulhamos na praia do Sancho, eleita uma das mais belas do mundo. Na descida na praia do Porto, seguimos a dica de um guia local e almoçamos na barraca de dona Regina, que, diferentemente do catamarã — o qual consumiu praticamente todo nosso dinheiro reservado para a viagem —, não era luxuosa, parecia mais uma dessas barracas de beira de praia que encontramos em Boa Viagem ou Piedade. A refeição foi um banquete: arroz branco com salada de verduras e postas de peixe frito. Tudo delicioso! Conhecemos o marido de dona Regina, seu Lucas, um pequeno homem de feições indígenas e pele muito queimada do sol, pescador antigo da ilha. Conversamos bastante sobre vários assuntos, coisas de Noronha principalmente. Seu Lucas falou dos naufrágios nos arredores da ilha, dos perigos das correntes marítimas, dos mergulhos que fez na vida sem o uso do cilindro de oxigênio, “no

pulmão” (palavras dele). Lá pelas tantas, falava dos mistérios e lendas do mar, das histórias que ouvira criança; as assombrações que rondavam as ruínas do presídio e das fortificações construídas séculos atrás, para abrigar presos e desterrados. Eram histórias nativas, que se misturavam à própria natureza exuberante do local para ganhar cores e contornos folclóricos. O papo foi se alongando, estávamos gostando daquela conversa cheia de nuances e personagens, eu já completamente imersa naquele mundo de entidades fantásticas e fantasmagóricas. Em determinado momento, falando de sua descendência indígena, ele falou numa ilha próxima, considerada sagrada pelos seus. Na hora, eu falei: a Ilha do Pontal. Ele mostrou-se surpreso por eu saber: “Sim, a Ilha do Pontal. Onde você ouviu falar dela?”

Evitei explicar toda a conjuntura que me levava àquele momento e disse apenas que era uma estudiosa do conhecimento. Ele achou “bacana”, e, quando ia continuar, Regina o chamou para um afazer qualquer. Ele se levantou, e Henry se virou pra mim com aquele olhar de quem sabia exatamente o que eu ia dizer. E eu lhe lancei aquele olhar de quem confirma o que ele desconfiava que ia ouvir. “Eu sabia”, ele se resignou a dizer. “Vamos pelo menos saber se é possível chegar lá; estamos aqui perto, de repente...”, eu disse. E a conversa finalizou com um “Por que sagitariana é assim?”, após algumas ponderações de parte a parte.

Seu Lucas disse que era possível ir à ilha, eram aproximadamente duas horas de barco, mas apenas se o tempo permitisse. Perguntei se ele achava que o tempo permitiria, e ele disse que era muito provável que sim, pois não havia nenhum sinal de mudança climática. Henry perguntou se não era perigoso, e seu Lucas disse que costumava navegar por lá em suas pescarias. Ainda adiantou que a ilha tinha abrigado um posto de pesquisa marinha, hoje abandonado, e que possuía uma trilha, uma caverna não totalmente explorada e uma belíssima paisagem. Foi o suficiente para deixarmos confirmado o passei para o dia seguinte, se o tempo ajudasse.

Embora o barco balançasse temerosamente, seu Lucas disse que o mar estava calmo. Estávamos, eu e Henry, apreensivos, ele me olhando com aquele olhar de tudo isso poderia ter sido evitado se não fosse a teimosia e a alegria de explorar de

certa pessoa. Tirávamos selfies de tudo, e seu Lucas⁷ falava coisas sobre o mar, contava como certa vez ficara sem o motor do barco, à deriva, rodeado por tubarões-lixo de quase sete metros. Aquelas histórias me fascinavam tanto quanto as que lia nos livros, tubarões, mares revoltos, a incerteza de um resgate em alto-mar — eu acrescentaria piratas, batalhas com corsários, um amor irrealizado pelo destino nos mares... Mas o cinema já explorou bastante o tema, e eu seria apenas mais uma, certamente menos brilhante, a escrever sobre isso. O tempo passou rápido com as histórias de seu Lucas, e pouco depois ele apontou para uma pequena mancha que sobressaía no horizonte azul-esverdeado. “Chegamos”, ele disse.

Foram duas horas e quinze minutos de barco. Seu Lucas fez uma manobra para arrodar a ilha; disse que devíamos aportar pelo mar de dentro, que era calmo. Descemos do barco por um píer de madeira bastante castigado pela maresia. O som da água açoitando as falésias dava um ar de suspense ao momento, o que foi acentuado pela passagem de uma forte ventania repentina, que sacodiu as copas das árvores altas em cima do morro que parecia ficar ao centro da ilha⁸.

Seguimos, seu Lucas como nosso guia, pelo píer até chegarmos ao que parecia ser um pátio abandonado. A área era calçada com pedras irregulares, lembrando os calçamentos antigos de Olinda e Ouro Preto. Uma construção em ruínas mais adiante voltava sua fachada principal para o pátio, e ao chegar nela me deparei com uma placa informativa que dizia ter sido ali a base do Centro de Pesquisa Dilza Maria Soares de Albuquerque do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. A placa estava igualmente deteriorada, como o pátio e a própria construção. Sem portas e janelas, as paredes grossas, erguidas com tijolo de pedra de arrecife e com argamassa antiga, provavelmente com ostras trituradas e queimadas em fornos artesanais⁹, a ruína era como um útero fértil aguardando uma

⁷ Se esse relato fosse um conto fantástico, seu Lucas poderia muito bem ser o guia, a exemplo de Caronte, o barqueiro, atravessando duas pobres almas pelo Aqueronte rumo ao mundo inferior. Pelo que lembro das aulas de teoria da literatura, isso seria uma visão e estruturalista. Talvez Todorov, com seu *As estruturas narrativas*, possa elucidar melhor o que pensei naquele momento. Está na estante TL103.T12.

⁸ Chegamos à ilha misteriosa: quantos personagens aportaram em ilhas misteriosas antes de nós? Será que Cthulhu nos esperava, será que uma tempestade afundaria o barco e nós ficaríamos ali para sempre? Talvez fosse proveitoso fazer uma arqueologia (no sentido foucaultiano) de chegadas a ilhas misteriosas.

⁹ Quando classifiquei as obras da estante de arquitetura, passei a vista em algumas delas (a, essa minha alegria de explorar!). E ali, ao explorar a base abandonada, pensava: o tempo possui inequivocamente um elemento fantástico. O tempo ali se manifestava nas tecnologias

imaginação que lhe fecundasse fantasmas, e eu confesso que quase os via esgueirando-se pelos corredores e vãos desabitados. Henry também explorava o local, enquanto seu Lucas pitava seu cigarro de palha sentado na mureta da varanda.

Saímos de lá e seguimos por uma trilha por dentro de uma mata, que se fechava à medida que lha embrenhávamos. Após uns bons quarenta e tantos minutos de caminhada, chegamos à conclusão de que a ilha era bem maior do que aparentava. O pico do morro em direção ao qual seguíamos parecia bem mais longe do que quando aportamos no píer. Em todo caso, eu me distraía com as plantas do local, que começaram a ter um colorido estranho e especial. As flores e as folhas brotavam com cores diversas e vivas, vermelhas, azuis, amarelas, verdes de vários tons, lilases, roxas... Mabuias, tejus, caranguejos-amarelos e mocós pareciam nos acompanhar durante a caminhada, camuflados nos galhos das árvores e na terra. Um bando de gatos selvagens nos observava atento de uma rocha que sobressaía adiante, e Henry brincou tratar-se dos primos de Leo. No alto, sebitos, cocorutas, rabos-de-junco-de-bico-amarelo, noivinhas, viuvinhas e atobás-de-pé-vermelho performavam voos acrobáticos. Eu registrei tudo no celular, três ou quatro fotos da mesma coisa, vídeos; estava realmente empolgada com todas aquelas cores e espécies, com o céu, com a natureza, os ventos, o mar... Tudo era uma festa, um excesso que transbordava e se esvaziava para ser novamente preenchido. Henry tinha finalmente desistido de reclamar do passeio à ilha e também tirava foto de tudo, falava, apontava, sorria.

Chegamos finalmente ao ponto mais alto. Eu estava cansada, mas totalmente energizada pela aventura. Respirava fundo, como se quisesse tragar e absorver tudo ao redor, misturar as cores da paisagem aos sentimentos, gravá-los mais que numa foto ou vídeo, mas na alma. Nenhum livro teria o poder de registrar a magia daquele momento, acho que nem mesmo o misterioso livro *O reino dos M...*

Descansamos alguns minutos no alto do morro. Seu Lucas falava de quando vinha à ilha com seu pai, e que a conhecia bem, como a palma da mão. Ele mesmo tinha plantado algumas das árvores que vimos no caminho; contava que os únicos

construtivas, que, à vista do contemporâneo, parecem coisa de outro mundo: argamassa de ostras trituradas, pedras retiradas dos arrecifes, óleo de baleia para lâmpadas... Pareceu ali o “Era uma vez...” dos contos de fada, mas, em vez de narrado, construído.

animais nativos da ilha eram o caranguejo-amarelo e os mabuias, os gatos tinham sido trazidos pelos visitantes. Perguntei se ele sabia como os primeiros humanos tinham chegado na ilha, e ele me disse que, segundo a lenda de seu povo, eles haviam sido criados aqui. “Fomos gerados aqui. Minha avó contava que no começo, antes da gente, todas as coisas dormiam misturadas. Os seres, as plantas e as rochas. Tudo era apenas uma massa, com a qual Yupanã, filho de Yuná, brincava. Mas Yupanã era uma criança solitária, e com essa massa ele modelou outras crianças, para que pudessem brincar com ela. Yupanã, como toda criança, se apegou aos seus brinquedos e começou a dar presentes a eles: primeiro fez o sol, para que as crianças se aquecessem; depois, encheu o mar, para que elas pudessem brincar na água; depois, fez os ventos, as árvores, para que pudessem brincar nelas. Yupanã criou assim todas as coisas, para que as crianças pudessem ter muitas opções para brincar. Eles foram felizes por muito tempo, quase toda uma eternidade. Entretanto, Yupanã cresceu e não tinha mais vontade de brincar com os homens. Para não magoá-los, Yupanã os trouxe a essa ilha e disse que ia buscar mais massa para fazer mais coisas, mas partiu para sempre no céu. Os homens, que muito gostavam de Yupanã, sentiram saudades e resolveram, com as coisas com as quais ele os tinha presenteado, procurá-lo. Foi assim que, tendo aprendido com Yupanã a fazer as coisas, os homens modelaram barcos com os troncos das árvores, velas com os tecidos das fibras das plantas e foram buscá-lo fora da ilha, espalhando-se pelo mundo. Mas, nunca o tendo encontrado, ficaram frustrados. As gerações seguintes o foram esquecendo, preservando entretanto o sentimento da saudade e a curiosidade de ir a todos os lugares. Assim, até hoje fabricam coisas para chegarem a lugares distantes em busca de algo de que não se lembram.” Agora seu Lucas parecia o sábio das narrativas fantásticas, o pajé, o conselheiro, revelando algum segredo com o qual o herói — no caso, os heróis, eu e Henry — conseguiria derrotar algo¹⁰. Mas, depois de dizer isto e fitar o horizonte tal qual esse sábio, ele se levantou e disse: “Enfim, conversa de índio. Vamos? Desceremos por essa outra trilha, que vai dar mais rapidamente no píer.”

¹⁰ Se Campbell o visse, talvez adicionasse ao seu herói de mil faces mais uma categoria: o sábio que não tem bem certeza de que é sábio. Ver “Os doze passos do herói” na estante MIT.C22.

Eu e Henry nos levantamos e o seguimos. A trilha iniciava com uma descida íngreme, e nós tivemos um pouco de dificuldade. Seu Lucas, embora bem mais velho que a gente, andava com desenvoltura pelos desníveis do caminho. Passamos por uma bifurcação, onde uma placa muito detonada pela maresia informava um caminho para a Gruta dos Anciãos, mas seu Lucas tomou a outra direção. Perguntei-lhe se não podíamos fazer uma visita rápida à gruta, mas ele disse ser um local perigoso. Insisti que seria só uma visitinha, ele respondeu a mesma coisa. Prometi não me meter em apuros, ele ia negar, mas eu sabia fazer uma cara de decepção que comovia até os corações mais gélidos. Ele concordou, mas com uma condição: não entraríamos muito na gruta.

Vista de fora, a gruta era pequena, mas, quando se chegava ao seu salão principal, tinha-se a impressão de que seu tamanho era bem maior. Dela, via-se uma descida, onde um pequeno lago azul refletia os raios de sol. Ao seu redor, uma vegetação baixa, monocromática, completava a paisagem de ficção de fantasia. Do teto, estalactites caíam em profusão, criando um efeito de luz na cavidade que ficava do outro lado da entrada.

Seu Lucas desceu até o lago por uma fenda estreita, e nós o seguimos. Arrodeamos e chegamos à margem do outro lado do lago. Um túnel se estendia ao nosso lado, e de onde estávamos podia-se ver que ele era bem longo. Perguntei onde ia dar aquele túnel, e seu Lucas disse que ninguém sabia ao certo, pois a gruta nunca tinha sido explorada totalmente. “Antes, há muito tempo, havia aqui um posto de pesquisa, mas foi desativado. Não cheguei a ver os pesquisadores, mas lembro que meu pai vendia peixes para eles”, disse. “Vamos, quero mostrar a vocês um segredo.” Andamos mais um pouco até outra passagem estreita, com degraus gastos talhados na pedra.

Ao chegarmos ao segundo salão, deparamo-nos com uma imensa parede com várias pinturas e inscrições rupestres. Era um painel imenso, com muitos metros de altura, nos fazia sentir pequeninos diante dele. Tive uma sensação estranha, como um encantamento; assim como na casa abandonada do píer o vazio era uma presença, aqueles símbolos pareciam presentificar seres humanos de milhares de

anos atrás. Eram imagens figurativas de animais, pássaros, répteis, peixes e humanos. Havia outros signos, traços retilíneos, circulares, espirais, linhas paralelas¹¹... Perguntei a seu Lucas de quando datavam aquelas inscrições, e ele disse que não sabia ao certo, mas tinha gente que dizia serem de até trinta mil anos atrás. “Mas isso é o que dizem; não vem muita gente aqui pra ver, os que vieram não se entenderam sobre a data.” Ele olhou pro relógio: “Está quase na hora.” “Na hora de quê?”, perguntamos eu e Henry ao mesmo tempo. Ele respondeu que já saberíamos.

Ficamos alguns minutos explorando o imenso painel, quando seu Lucas nos chamou a atenção. “Vejam!” Um raio de luz solar penetrou por uma fenda na parede oposta e incidiu sobre a superfície amarelada das rochas, propiciando um espetáculo digno de filme. A parede acendeu, como uma luminária, clareando todo o salão da gruta. Alguns desenhos e símbolos saltaram da parede, pareciam flutuar nela, como um efeito 3D. Ficamos completamente maravilhados com tudo aquilo. Seu Lucas disse: “Minha vó contava que a avó dela contava que os avós dela contavam que esses desenhos foram deixados por Yupanã, ensinando o caminho para achá-lo e que só podiam ser vistos através desse segredo. Aquele que os decifrasse seria feliz, pois conseguiria alcançar Yupanã na imensidão do universo.” Permanecemos alguns minutos olhando silenciosos o espetáculo daquele mistério. Henry segurou minha mão; estávamos totalmente imersos naquele momento, parecia mesmo que tínhamos entrado em alguma realidade paralela, um outro mundo mágico, onde seria possível ler signos desconhecidos e alcançar uma graça. Na verdade, para mim, a graça eu já tinha alcançado: a natureza, a gruta, o amor de Henry, o orgulho com que seu Lucas confiava os segredos de seu povo a nós me enchiam de uma felicidade plena, como se eu tivesse me ligado a algo, como se eu tivesse conhecido mais alguma coisa na imensidão dos fatos da vida. Minha sede de aventura e conhecimento se refestelavam com tudo aquilo, e não havia nada a dizer.

¹¹ É comum, nos contos fantásticos, nos depararmos com alguma mensagem secreta, uma língua antiga esquecida que, decifrada, ajudará na resolução da trama. Mas a verdade é que as línguas mortas são um dos grandes mistérios da humanidade, o que aflige especialmente os que possuem “alegria em explorar”. A incapacidade de traduzi-las numa comunicação pragmática talvez seja o mais angustiante para mim, que trabalho com precisão da informação. Mas, quem quiser se aventurar pela difícil ciência das línguas antigas, indico o estudo de Marina Luz, *Uma interpretação das inscrições rupestres a partir da arqueologia cognitiva*, estante ARQ.05_COG3.

Aquela viagem, eu tinha certeza, seria uma das mais profundas experiências que eu teria na minha vida.

O espetáculo durou apenas alguns minutos. Logo, o sol mudou de posição e a gruta ficou mais escura, devido ao efeito da luz nos olhos. Seu Lucas nos guiou de volta à trilha, que percorremos em silêncio, ainda imergidos cada um em si. Chegamos em Noronha à noite, agradecemos a seu Lucas o passeio, ele disse que nos éramos pessoas especiais, pois pouquíssimos sabiam da existência da ilha e menos ainda tinham vontade de visitá-la.

Partimos de Noronha dois dias depois. Antes, fomos nos despedir novamente de dona Regina e seu Lucas. Quando já íamos saindo da barraca, ele me chamou me entregou um volume, uma caixa de madeira, recoberta por um tecido que lembrava uma rede. “Acho que isso será mais útil pra você, que trabalha em uma biblioteca. Aqui, ninguém vai conseguir achar.” Perguntei o que era, e ele respondeu: “É um diário que meu pai encontrou perdido há muitos anos nas antigas instalações da Ilha do Pontal. Aquele casebre de frente ao pátio.” Sim, eu me lembrava. “Deve servir pra alguma pesquisa.” Agradei novamente e prometi encaminhar o diário para melhor proveito de suas informações.

A sessão com minha terapeuta foi praticamente um relato das minhas férias. Concordamos que Fernando de Noronha tinha sido uma ótima opção; contei sobre o mergulho com os tubarões; as trilhas; as paisagens deslumbrantes; como Henry era uma companhia perfeita para o pôr do sol na Baía dos Golfinhos. Ela achou tudo maravilhoso, e eu contei detalhes dos bares e restaurantes da ilha. Contei sobre o anel e a declaração de Henry e também sobre a visita à insólita Ilha do Pontal, o que ela achou particularmente fantástico. Eu disse: “Minha compulsão por explorar fatos desconhecidos dessa vez me rendeu bons frutos.” Ela riu. “Você achou essas aventuras positivas?” “Muito”, respondi. “Que bom. O que vai fazer com o diário?” “Bem, o diário...”, disse espontaneamente, mas parei de súbito: como ela sabia do diário, se eu não tinha comentado nada com ela?

Virei-me rapidamente, tomada de surpresa, e percebi que ela não estava mais no consultório. A porta que dava para o interior da casa — um sobrado na Boa Vista

transformado em consultórios — e que vivia trancada estava meio aberta. “Maria?”, chamei-a novamente em voz alta já passando pela porta. Nenhuma resposta.

Um corredor levava a um salão imenso, com uma escada que se bifurcava em sua metade, conduzindo a lados opostos. Do alto da escada, de relance, vi passar minha terapeuta seguindo pelo corredor à esquerda do pavimento superior; segui-a imediatamente.

Encontrei-a no que parecia ser uma segunda sala. Os móveis antigos, de madeira escura, deixavam o ambiente austero. O piso de ladrilho hidráulico remontava uma tradição construtiva oitocentista. Maria estava de pé em frente a um livreiro. Havia algo nela de diferente. Ela estava... brilhando. Sim, era como se ela emanasse eflúvios ao redor do corpo, como... uma mancha de cores esfumada... uma aura!

Ela pareceu ouvir meus pensamentos. Virou-se para mim e uma voz ecoou em minha mente, sem que ela mexesse a boca: “Fadas, bruxas, encantados, espíritos, anjos, energia cósmica... Há muitas formas de ver as coisas.” “Mas você é...” Não completei a frase: tinha medo do que ia ouvir. Ela percebeu e se aproximou calmamente, com andar suave: “Posso ser uma bruxa, se você quiser usar esse nome.” Eu tinha medo, mas estranhamente me sentia segura, sabia que o temor era apenas uma reação natural ao desconhecido. Perguntei como ela sabia do diário, ela sorriu e me devolveu outra pergunta: “Há quantos anos eu sou sua terapeuta?” Meu pensamento percorreu a longa estrada de nossa relação: já se iam uns bons dez anos de cuidado. Enquanto refletia sobre isso, ela disse, em sua voz telepática: “Toda essa alegria em explorar, essa curiosidade compulsiva por conhecimento, essa vontade de compartilhar saberes... Eu sabia que um dia você o encontraria.” “Quer dizer que esse tempo todo, você me manipulou?” “Não. Eu apenas fiz com que você aceitasse a si mesma, do jeito que você é. Lembra-se? Você sempre achou que esse seu dom lhe trazia problemas. Bem, de certa maneira você está correta; todos temos problemas; mas você só precisava entender que tudo era muito maior. Você é uma guardiã.” Fiz uma cara de curiosidade: “Cada ser que Yupanã moldou, moldou da mesma argila, mas com pequenas diferenças na dosagem. Somos todos iguais, mas de maneiras

diferentes. Todos temos um dom, o presente que Yupanã deu a cada um de nós; alguns nunca o encontrarão; outros, não o compreenderão.” “Qual o seu dom?”, perguntei. “Eu tenho o dom de cuidar.” “E o meu?”, disse, a voz fraca. “Você tem o dom de explorar e compartilhar.” Fiquei um instante pensando, e logo depois perguntei novamente: “O e-mail... foi você?” “Uaná também te percebeu, nas vezes em que visitou a biblioteca.” Fiquei novamente pensativa por um instante, era muita coisa para processar. Mas havia entendido tudo: uma rede de criaturas mágicas, da qual eu insuspeitadamente faço parte, queria que eu me descobrisse como uma delas. “Bem, é uma forma de explicar.” “Certo. Mas vamos às coisas práticas: eu devo fazer algum ritual, velas, danças, essas coisas?” Ela riu: “Apenas seja você mesma e dê o seu melhor ao mundo”. “E o que tem no diário?” “Algumas anotações minhas, quando era pesquisadora na ilha.” “Você...”, antes de completar a pergunta, ela me mostrou uma placa de mesa, com o nome Dra. Dilza Maria Soares Albuquerque, terapeuta. “Você desvendou a mensagem na parede?” “Não, eu desvendei a mim mesma.” Uma epifania clariceana se apossou de mim e, junto com ela, uma rápida vertigem abateu meus sentidos, tão rápida que não chegou mesmo a ser totalmente uma vertigem. E, nesse brevíssimo átimo, minha terapeuta já não estava mais lá.

Fiquei alguns minutos ainda ali, estupefata. Mas aos poucos o clima de sonho foi passando; o lugar vazio tornou-se apenas um lugar vazio, com suas estantes austeras e seu piso antigo. Ao longe, o barulho da cidade acordava os sentidos, e eu mesma começaria a duvidar, alguns dias depois, de tudo o que acontecera ali. Pensei no diário, que deixei na seção de obras raras da biblioteca. Uma nova compulsão de desvendá-lo se apossaria de mim? Certamente, mas isso poderia durar só até eu encontrar um novo mistério. Não tinha a resposta para isso. Mas tinha certeza de que o significado da vida se expandira, uma cortina abrira-se para outra camada da realidade, maior, mais profunda, realidade que é, afinal, aquilo em que acreditamos.

Enviado em 09 de maio de 2023.

Publicado em 30 de junho de 2023.